

Ética e Jornalismo

Entrevista a Fernando Correia

Paulo Falcão Alves, Universidade do Algarve, Portugal (pjaalves@ualg.pt)



Resumo: Neste trabalho entrevistamos o jornalista Fernando Correia, uma das últimas lendas vivas do jornalismo português, onde partilhamos a sua visão sobre os desafios dos *media* no século XXI. Às nossas perguntas foram dadas respostas claras e objetivas, tal como é apanágio do nosso ilustre entrevistado, que nos ajudam a refletir sobre o futuro da comunicação em Portugal.

Palavras-Chave: diversidade, ética, globalização, jornalismo, pluralismo

Abstract: In this work we interviewed the journalist Fernando Correia, one of the last living legends of Portuguese journalism, where we were able to share his view on the current media challenges. To our questions were given clear and objective answers, helping us to reflect on the future of communication in Portugal.

Keywords: diversity, ethics, globalization, journalism, pluralism

Nota: Texto escrito segundo o anterior acordo ortográfico.

Introdução

O período que os *media* tradicionais estão a atravessar, em particular a imprensa, é caracterizado por uma série de incertezas fruto do desenvolvimento do novo modelo social em rede em que hoje vivemos. Os *media* tradicionais tiveram que se adaptar a uma nova realidade assente numa cultura de partilha breve e imediata, alterando quer a forma como os conteúdos são consumidos, quer a forma como são produzidos e distribuídos. Face aos novos desafios que os *media* estão a atravessar, decidimos entrevistar o jornalista Fernando Correia, um dos mais ilustres e conceituados jornalistas portugueses, que amavelmente aceitou partilhar os seus pontos de vista sob o panorama atual dos *media* em Portugal.

ENTREVISTA

Paulo Alves: Nesta era da globalização a tecnologia tem vindo a assumir um papel preponderante em todas as áreas de negócio e os media não são uma exceção – Qual o impacto deste fenómeno ao nível da ética e da deontologia dos media?

Fernando Correia: A globalização é uma consequência lógica dos avanços em diversas áreas do conhecimento e da vida e, certamente, uma necessidade temporal. O mundo global significa a tradução das necessidades do Ser Humano em se aproximar da verdade cósmica e deveria constituir um meio natural de regozijo pelo progresso gerado, não só a nível do conhecimento, mas também a nível do relacionamento. Infelizmente, isso não acontece ou, pelo menos, não acontece da forma desejada, e a globalização acaba por servir mais os interesses de uns do que de outros, deixando perceber que as leis da vida são alteradas de acordo com as vontades expressas pelos mais “fortes”, tanto a nível financeiro como a nível político e social.

É natural que os “media” sejam o reflexo desta situação e se, por exemplo, a “internet” é o meio ideal para servir a globalização, acaba por traduzir as “enfermidades” da questão, mandando às urtigas a ética, ou seja, a moral, deixando a deontologia ao sabor da vontade de cada intérprete. E esta é a questão mais importante, porque cabe a cada actor global a in-

terpretação correta da deontologia e a cada protagonista informativo e formativo a sua aplicação.

Por mim, a deontologia e a ética andam de mãos dadas e são parte integrante da minha formação e, consequentemente, da minha acção diária ao serviço de uma comunicação correcta.

Quero dizer com isto que cabe a cada profissional defender esses princípios morais e não se deixar absorver pelo consumismo desenfreado e pelo sensacionalismo que vende notícias a qualquer preço.

Paulo Alves: Os media tendem a adotar cada vez mais um modelo sensacionalista – Na sua opinião quais os efeitos que este modelo pode vir a ter na forma como as sociedades do futuro irão garantir a diversidade e o pluralismo da informação?

Fernando Correia: Temo que as sociedades actuais já sejam o reflexo do sensacionalismo e que os meios de informação e de comunicação estejam virados para esse tipo de consumismo. O Ser Humano é o pior dos seres que habita o universo conhecido, deixando adular as suas premissas formativas (na génese da criação) e envolvendo – se facilmente nos novelos do facilitismo e da irregularidade da acção, apenas porque é mais fácil e mais atractivo para o seu dia a dia ávido de novas sensações.

A diversidade da informação pode não estar condenada, mas o seu pluralismo sem dúvida que está e, também, o que ainda é pior, a sua democraticidade.

Cabe aos profissionais tentarem seguir em frente na área da formação, desde que os Estados estejam orientados num sentido cultural mais abrangente. O consumidor de notícias, de facto, consome o que lhe dão e se, na fonte, a orientação for diferente, tenho para mim que o consumidor transfigura – se a pouco e pouco, enveredando por um caminho mais salutar e mais conveniente para si mesmo. No entanto, essa transformação só vai ser possível desde que (repito) o Estado esteja virado para a formação, para a conveniência retórica, para a distribuição de cultura e não para o sensacionalismo.

Paulo Alves: O jornalismo de excelência tende a ser cada vez menos acessível para a maioria da população – Acha que caminhamos para uma sociedade de info-ricos e info-pobres?

Fernando Correia: Desde que a população, de uma forma ordenada, sinta que as suas necessidades são outras é possível alterar a tendência. No entanto, em Portugal a situação que se vive é claramente a que é visada na pergunta, ou seja, as assimetrias educativas e culturais ainda são tão vastas e tão visíveis que a especulação informativa, mais a nível da televisão que é de consumo imediato, se torna absolutamente notória. E mais: hora a hora acrescenta – se à informação inconsequente, mas sensacionalista (crime, roubo, acidente, assalto, violência doméstica, etc.) a venda acelerada de produtos sem qualidade que satisfazem o consumidor dessas notícias “pelo incrível preço que aparece no écran”!...

Paulo Alves: A pressa como as notícias tendem a ser “consumidas” leva muitas vezes que os códigos deontológicos sejam quebrados – a responsabilidade é de quem faz a notícia ou de quem a consome?

Fernando Correia: A responsabilidade é do emissor e do receptor. A culpa é de quem manda fazer dessa maneira. A culpa é de quem faz, a troco de um ordenado pequeno, mas seguro. A culpa é de quem exige que seja assim, através de um consumismo obviamente orientado.

Os códigos deontológicos são constantemente que-

brados, adulterados ou esquecidos. Gostava que a sociedade portuguesa fosse, um dia não muito distante, de tal forma evoluída, ao nível da exigência, que a escolha pertencesse a quem consome a informação, levando a que os profissionais fossem “obrigados”, por si próprios, a orientar a escrita e a imagem de uma forma mais consistente, mais sólida no conteúdo e mais exigente no conceito.

Nas suas considerações finais, o jornalista Fernando Correia acrescenta em tom de notas finais que:

A exigência não pode ser, apenas, um processo. Deve ser, igualmente, uma necessidade colectiva. Uma sociedade não evolui se não houver preocupações sérias na cultura, na educação, na instrução e na formação.

A forma mais fácil de fazer dinheiro é cavar o fosso entre o rico e o pobre; entre o apto e o inapto; entre o que tem e o que precisa; entre o patrão e o empregado (desde que não sejam respeitadas as leis do trabalho); entre as superpotências e os países subdesenvolvidos.

Enquanto for assim, o jornalista não forma nem informação. Apenas obedece. Depende de cada um de nós e igualmente da FORÇA DE UMA PROFISSÃO UNIDA, a capacidade para dar a volta aos costumes e fazer com que a dignidade da profissão seja proporcional ao desempenho diário do jornalista.